

# O ESTATUTO DA SOCIOLOGIA EM SIMMEL E DURKHEIM<sup>1</sup>.

## THE STATUS OF SOCIOLOGY IN SIMMEL AND DURKHEIM.

Marc Sagnol\*

### Introdução

Ao longo da década de 1890, Simmel e Durkheim (todos dois nascidos em 1858) publicaram simultaneamente suas primeiras obras de sociologia e se apresentavam como duas “figuras de proa” desta disciplina nascente no plano internacional. Todos dois saídos de tradições diferentes, mas almejando ser, cada uma a sua maneira, o fundador de uma

nova ciência e possuindo, sem dúvidas, mais pontos em comum do que geralmente se diz. No entanto, apesar das condições propícias, só houve uma efêmera colaboração (de 1897 a 1898) entre Durkheim e Simmel, seguido de um ajuste de contas público, que marca o fim de um diálogo que poderia ter sido frutífero. A partir dessa data, a sociologia francesa e a sociologia alemã enveredaram por caminhos nacionais que quase não foram

1 O artigo “Le statut de la sociologie chez Simmel et Durkheim”, traduzido por José Benevides Queiroz e revisão técnica de Juarez Lopes de Carvalho Filho, foi originalmente publicado na *Revue Française de Sociologie* (RFS), 1987, 28 – 1, p. 99 - 125. A Revista Pós Ciências Sociais (REPOCS) agradece ao periódico francês pela autorização para publicá-lo em português. As citações e referências no corpo do texto, bem como as feitas nas notas de rodapé, seguem as normalizações da versão do texto veiculada na RFS, por decisão do Comitê Editorial da REPOCS [Nota do Tradutor, N. T.].

\* Germanista e filósofo, ex-diretor dos Institutos Franceses de Dresden e Kiev, é investigador convidado do Instituto de Filosofia da Universidade de Potsdam. Depois de se tornar conhecido em 1982 pelo seu trabalho sobre a arqueologia da modernidade em Benjamin, publicou vários ensaios filosóficos (sobre Benjamin, Foucault, Simmel, Hegel) e literários (sobre Goethe, Kafka, Celan, Proust etc.). [N.T.]



deixados desde então. Em um período mais recente, em razão da tendência à internacionalização dos problemas e do renovado interesse pela história das ciências sociais, talvez ligada a uma “crise intelectual” (Chamboredon, 1984, p. 461) pela qual a disciplina está passando, parece emergir uma redescoberta paralela tanto de Durkheim quanto de Simmel, provocando uma reavaliação de seus papéis como fundadores da sociologia. Neste contexto, parece apropriado proceder a uma análise comparada de Simmel e Durkheim, que submeteria à crítica as estratégias de fundação dos dois pais da sociologia. O presente artigo propõe, se não discutir em profundidade essas duas abordagens em mais de um ponto divergente, pelo menos, esperamos, fornecer as bases de tal discussão, esclarecendo as posições envolvidas, particularmente sobre o problema do estatuto da sociologia.

## 1. A sociologia como síntese das *Geisteswissenschaften*<sup>2</sup>

A primeira obra publicada por Simmel foi seu livro sobre a *Diferenciação Social* (*Über Soziale Differenzierung*, 1890), parcialmente traduzido para o francês, em 1894. As hesitações de Simmel sobre o estatuto dessa nova ciência que era a Sociologia se manifestam no subtítulo que deu à sua obra: *Pesquisas sociológicas e psicológicas*. Este livro contém cinco estudos sociológicos, precedidos de um capítulo teórico metodológico que tem por título *Sobre a teoria do conhecimento da ciência social* (*Zur erkenntnistheorie der sozialwissenschaft*). Os cinco

estudos sociológicos tratam sucessivamente da “responsabilidade coletiva”, da “extensão do grupo e [do] desenvolvimento da individualidade”, do “nível social”, do “crescimento dos círculos sociais” e da “diferenciação e [do] princípio da economia de energia”<sup>3</sup>. O capítulo metodológico colocado no início desta coletânea constitui o primeiro esboço de definição e de delimitação da sociologia por Simmel. De certa forma, esta primeira tentativa é um pouco surpreendente:

A sociologia é uma ciência eclética, na medida em que seu material é constituído por produtos de outras ciências. Utiliza os resultados da pesquisa histórica, da antropologia, da estatística, da psicologia, como produtos semiacabados; ela não toma como objeto imediato o material primitivo que as outras ciências trabalham, mas, como ciência, por assim dizer em segundo grau, cria novas sínteses a partir do que já é síntese para elas. No seu estado atual, a sociologia apenas oferece um novo ponto de vista para a consideração dos fatos conhecidos. (p. 2)

Nestes termos, para Simmel, a sociologia parece ser uma espécie de ciência das ciências, a ciência do universal procedente das ciências particulares, que são as outras ciências sociais e humanas. Portanto, ela assume, por assim dizer, o papel, no quadro renovado da *Geisteswissenschaften*, que a filosofia já teve, também uma ciência da ciência, trabalhando em particular com a ajuda dos resultados das ciências físicas e naturais. Nesse sentido, a sociologia não é outra coisa senão a filosofia das ciências sociais. É uma ciência sem objeto, é pura construção teórica, síntese, método de pesquisa. Mesmo quando, em seus rascunhos subsequentes, Simmel tentou

2 Significa *humanidades*. [N. T.]

3 Um resumo em 15 páginas desse livro foi traduzido, em 1894, na *Revue Internationale de Sociologie* e foi reproduzido em Georg Simmel, *Sociologie et Épistémologie*, p. 207-222.

definir a sociologia como uma ciência autônoma, ele não renunciou completamente a essa primeira definição. Ainda em 1908 e em 1917, ele definiu a sociologia como o “método das *Geisteswissenschaften*”.

O primeiro texto de Simmel sobre ciências sociais é, em mais de um ponto, uma constatação da impotência. No estado de progresso dessa nova ciência que é a sociologia, não devemos esperar uma resposta definitiva e indiscutível para as questões fundamentais da sociologia: o que é um indivíduo? O que é uma empresa? etc., ao contrário, é preciso “contentar-se com uma delimitação aproximada do campo” estudado pela sociologia. As primeiras tentativas de definição de sociologia coincidiram com a busca de uma delimitação do campo de abrangência da investigação sociológica. Ao fazê-lo, depois de ter definido a sociologia como uma ciência sintética, como a síntese dos outros *Geisteswissenschaften*, Simmel parece já estar em busca de outra definição. A sociologia teria um *domínio* de investigação. Depois, chega a falar de um objeto, mas sem poder designá-lo com precisão (p. 8).

Embora ainda hesitante quanto à definição do objeto da sociologia, Simmel tem consciência de que não é possível tomar a “sociedade” como objeto, sendo, portanto, necessário dissolver esse todo em seus componentes, o que também não significa que para estudar a sociedade basta estudar os indivíduos que a compõem: “O conceito de sociedade obviamente só tem sentido se for de alguma forma oposto à simples soma de indivíduos”, diz ele na p. 10, mas sem chegar ao ponto de dizer, como Durkheim, que a sociedade é uma realidade *sui generis*: para ele, a sociedade é uma síntese – que se dá apenas no pensamento – de todos os indivíduos que são a realidade real.

Assim, enquanto Durkheim estudará

os fatos sociais “como coisas”, “externos às consciências individuais”, Simmel faz da sociedade um todo sintético existente apenas na mente. Simmel se esforçará para analisar, por sua vez, para dissolver esse todo sintético em seus componentes, e descobrirá que “a alma da sociedade está na soma das interações (*Wechselwirkungen*) de seus participantes” (p. 13). Enquanto Durkheim se interessa pelo fato social como um objeto estático, de forma cristalizada, que existe no todo (sociedade) antes de existir nas partes e que se impõe de fora ao indivíduo, Simmel busca os processos dinâmicos que fazem uma sociedade se tornar sociedade, quer descobrir “em cada ser o processo histórico de seu devir”, estudar o nascimento de uma sociedade de um ponto de vista não histórico, mas lógico, interno, sincrônico, iluminando o processo cotidiano de autoprodução da sociedade. No entanto, esse processo só pode ser estudado a partir do estudo de diferentes *interações* ou *ações recíprocas*.

Onde se realizou uma reunião, cujas formas persistem, embora os membros saiam e novos entrem; quando exista uma posse externa comum, cuja aquisição e gozo não seja da competência de um indivíduo; (...) Onde o direito, o costume, o comércio constituíram formas às quais cada pessoa deve submeter-se e se submete quando entra em uma determinada relação local com os outros – ali, em todos esses lugares, há sociedade, ali a interação cristalizou-se em um corpo que a distingue como interação social daquelas que desaparecem com os sujeitos que lhes dão origem e com seu comportamento instantâneo. (p. 16)

Com essa definição, estamos muito próximos do “fato social” de Durkheim, embora o vocabulário utilizado seja bem diferente. As interações que assumem uma forma objetivada, cristalizada, que se tornam uma criação (*Gebilde*) do homem e se perpetuam, conduzem diretamente àqueles fenômenos

sociais que, segundo Durkheim, “consistem em maneiras de agir, pensar e sentir exteriores ao indivíduo, e dotados de um poder coercitivo em virtude do qual se lhe impõem”<sup>4</sup>. Mas onde Durkheim estará mais próximo de Simmel é quando ele mostra que o que distingue uma sociedade da soma de seus indivíduos é o fenômeno da associação (termo que ele usa aqui em seu sentido ativo e dinâmico), assim como apenas a associação de moléculas produz vida.

Em virtude deste princípio, a sociedade não é simples soma de indivíduos, e sim sistema formado pela sua associação, que representa uma realidade específica com seus caracteres próprios<sup>5</sup>.

O que Durkheim entende nesta passagem por associação não tem quase diferença do que para Simmel é *Wechselwirkung* (interação) ou *Vergesellschaftung* (socialização). Quando Durkheim traduziu o artigo de Simmel “Como as formas sociais se mantêm”, em 1897, ele escolheu a palavra *associação* para *Vergesellschaftung*. Naquela época, as intuições de Simmel e Durkheim sobre a especificidade do social ainda eram próximas. Ambos veem que a sociedade é mais do que a soma de seus indivíduos, que há, portanto, uma especificidade do social, que reside no fato de que os membros do corpo social “se associam” e entram em “interação”. Ambos veem que esses fenômenos de associação produzem realidades sociais às quais o indivíduo deve se submeter, mas

cada um tem uma abordagem diferente para o mesmo fenômeno: enquanto Simmel examina as formas de interação entre os indivíduos, a gênese dessas formações que criam o tecido social e se impõem aos indivíduos, o modo como “as formas sociais se mantêm” e “põem em jogo, para perserverar em seu ser, formas específicas”<sup>6</sup>, o modo pelo qual o indivíduo é obrigado a “se diferenciar” para se socializar mais, Durkheim examina (pelo menos no primeiro período de sua produção) os fatos sociais constituídos, independentemente de sua gênese, uma vez cristalizados e transformados em “coisas”. Não é nem mesmo esse termo “coisa” que distingue a sociologia de Durkheim da de Simmel, pois toda a *Filosofia do Dinheiro* demonstra até que ponto as relações sociais são “objetivadas” (*versachlichen*) pela introdução de intermediários (funcionários públicos, burocracia) responsáveis pela gestão das relações entre as pessoas (arrecadação de impostos etc.). Simmel tem a vantagem do método genético, Durkheim a do exame científico do resultado dessa coisificação dos fatos sociais. Para Durkheim, a divisão do trabalho tem um caráter moral, pois ela permite que se tome consciência da solidariedade social; para Simmel, a diferenciação social, que tinha um certo caráter ético (*sittlich*) em *Über soziale Differenzierung*<sup>7</sup>, conduz mais e mais à reificação das relações sociais e, portanto, assumirá um caráter “trágico” (a partir da *Filosofia do Dinheiro* e, especialmente, em seus últimos textos sobre a tragédia da

4 Émile Durkheim, *Les Règles de la Méthode Sociologique*, p. 5.

5 *Ibid.*, p. 102-103.

6 Simmel, *Sociologie et Épistémologie*, p. 175.

7 “Quanto maior o círculo social, mais relações econômicas se desenvolvem, e mais frequentemente devo servir aos interesses dos outros se quiser que eles sirvam aos meus. Isso produz uma moralização (*Versittlichung*) de toda a atmosfera social...” Essa tese de Simmel, secundária em seu argumento, tornar-se-á central para Durkheim em *De la Division du Travail Social*.

cultura). Mas se a leitura da **Diferenciação Social** nos revela algumas intuições comuns expressas em diferentes abordagens por Simmel e Durkheim, veremos que as evoluções do pensamento desses dois autores os levarão em direções opostas.

## 2. A sociologia como ciência autônoma

O capítulo sobre a teoria do conhecimento das ciências sociais da **Diferenciação Social** continha um paradoxo: começando por definir a sociologia como uma “ciência eclética”, composta pelos resultados de outras ciências, síntese da *Geisteswissenschaften*, Simmel partiu então, através de uma tentativa de definir a sociedade, em busca de um objeto para sociologia. Em seu artigo de 1894, sobre “O Problema da Sociologia”, publicado quase simultaneamente na Alemanha e na França, numa tradução para a *Revue de Métaphysique et de Morale*, Simmel traçou as consequências dessa contradição e rejeitou sua primeira concepção, que fazia da sociologia um método puro, para propor outra, a sociologia como uma ciência específica e autônoma com seu próprio objeto.

Simmel começa mostrando a importância dos aspectos sociais e coletivos nos processos históricos e observa que as explicações sociológicas estão se disseminando pelas ciências humanas: “A ciência do homem tornou-se a ciência da sociedade humana”<sup>8</sup>. Mas, acrescenta, “se essa tendência do conhecimento se tornou tão geral e penetra em toda parte, ela pode muito bem servir como um princípio regulador para todos os *Geisteswissenschaften*, mas não será capaz de fundar uma

especificidade autônoma em seu meio, tendo uma posição própria”.

Se a sociologia fosse realmente, como se pede, abraçar todos os processos que ocorrem na sociedade e proceder à redução do evento singular ao social, não passaria de um nome global para a totalidade das ciências da mente. E, dessa forma, abriria a porta para generalizações e abstrações vazias que eram fatais para a filosofia (p. 41; p. 164).

Portanto, aqui, Simmel renuncia claramente à sua concepção da sociologia como uma “ciência eclética”, que seria apenas outro nome para o conjunto das ciências humanas e sociais. Nesse sentido, a sociologia seria, como vimos, uma espécie de filosofia das ciências sociais e não teria mais status de ciência do que, por exemplo, a indução. Como esta, seria “um método de conhecimento, um princípio heurístico, que pode fertilizar uma infinidade de diferentes campos de conhecimento, sem, no entanto, constituir um em si mesmo” (p. 42; p. 164). Mas a sociologia não quer ser um simples princípio heurístico, quer ser uma ciência.

No seu artigo de 1897, escrito especialmente para o *L'Année Sociologique* (e traduzido por Bouglé e Durkheim), Simmel reitera essa argumentação:

Durante muito tempo, parecia que a palavra sociologia tinha uma virtude mágica. (...) É que a sociologia recebeu como objeto tudo o que acontece na sociedade; consequentemente, todos os fatos que não são da ordem física pareciam estar dentro de sua competência. Mas isso demonstra muito bem o erro que cometemos ao fazê-lo. Pois é obviamente um contrassenso reunir todos os objetos de estudo já tratados pela economia política

8 Simmel, “Das problem der soziologie” (1894), reproduzido em *Das Individuelle Gesetz*, 1968, p. 41. Tradução francesa: “Le problème de la sociologie”, publicado no livro *Sociologie et Épistémologie*, p. 163. Na sequência, nós citaremos este texto sucessivamente na sua versão alemã e, em seguida, francesa, esta mais acessível.

e pela história da civilização, da filosofia e da política, da estatística e da demografia, numa espécie de amalgama rotulando-a de sociologia. Ganha-se um novo nome, mas não um novo conhecimento<sup>9</sup>.

Portanto, de qual maneira a sociologia poderá se tornar uma ciência e qual será seu objeto? No seu texto de 1890, Simmel irá descobrir o conceito de interação (ou mais exatamente generalizará ao conjunto da sociedade o conceito de interação que já se achava em Tönnies, em 1887<sup>10</sup>, mas aplicado exclusivamente à *Gemeinschaft*, à “comunidade”), e, em seu artigo de 1894, ele introduz aquele da “forma de socialização” e estabelece como tarefa da sociologia extrair as “formas” de seus “conteúdos”.

Do mesmo modo como a psicologia se tornou ciência ao fazer uma distinção entre o que é especificamente psíquico e questões objetivas, uma sociologia propriamente dita deve lidar apenas com o que é especificamente social, a forma e as formas de socialização como tal, independentemente dos interesses e dos conteúdos que se realizam na e através da socialização<sup>11</sup>.

Abandonando a restrição que fizera em 1890, ele agora vê uma sociedade “onde quer que haja interação dos indivíduos”, quer essa ação deixe ou não um rastro sensível, objetivo, cristalizado. Ao mesmo tempo, a sociologia de Simmel, que segundo seu primeiro texto caminhava para um estudo da *Gebilde* constituída pela sociedade humana, isto é, as criações, intelectuais certamente, mas

concretas, objetivas, cristalizadas, consecutivas à associação dos homens, assume agora um objeto muito mais abstrato (as formas de socialização) e Simmel confia ao sociólogo a tarefa extremamente delicada da abstração científica. Não é o menor dos paradoxos de Simmel o facto de, no preciso momento em que tenta emancipar a sociologia da filosofia e fundá-la como ciência, dar uma definição da sociologia e do trabalho do sociólogo que só pode ser realizada por um filósofo:

Da reunião efêmera de pessoas que caminham juntas à unidade íntima de uma família ou de uma guilda da Idade Média, constatamos os mais diferentes gêneros e graus de socialização. As causas e objetivos particulares, sem os quais evidentemente não há socialização, constituem, por assim dizer, o corpo, o *material* do processo social; que o efeito dessas causas, que a busca por esses fins leva justamente à socialização entre os indivíduos portadores (*Träger*) do processo social, tal é a forma que esses conteúdos assumem. Separar essa forma desses conteúdos por meio da abstração científica é a condição sobre a qual repousa toda a existência de uma forma especial de sociedade.

O conceito de *forma* que Simmel introduz aqui e que ele manterá nos seus esboços sucessivos, ao ponto que definirá sua sociologia como “sociologia formal”<sup>12</sup>, parece, a princípio, permitir considerar o que é comum à diversas sociedades, diversos tipos de socialização dos indivíduos, diversos tipos de associação. Pelo menos é essa a intenção de Simmel, que vê as mesmas “formas” de

9 Simmel, *Comment les formes Sociales se maintiennent*, incluso em *Sociologie et Épistémologie*, p. 171-172.

10 P. 12 da edição de 1922.

11 Simmel, *Le Problème de la Sociologie*, op. cit. p. 43; tradução: p. 165.

12 Retomemos a tradução dada por Julien Freund de *formale Soziologie* em sua introdução a *Sociologie et Épistémologie*, p. 49. Da mesma forma, Julien Freund renuncia, com razão, à monstruosa “sociação” pela *Vergesellschaftung*, em favor da “socialização” (p. 84, n. 1).

socialização repetidas por ocasião de múltiplos “conteúdos”. Assim, ele encontrará nos grupos sociais “formas” idênticas de dominação e subordinação, competição, divisão do trabalho, bem como hierarquias, formação partidária etc. Mas surgem vários problemas: será cientificamente correto dissociar “forma” e “conteúdo” desta maneira, como se pudéssemos isolar as formas de socialização e considerá-las independentemente do seu conteúdo, como se não fosse toda a forma de um conteúdo? É nisso que consiste a “abstração científica” de Simmel? E podemos dizer que Simmel cumpriu essa tarefa em sua sociologia? Além disso, o estudo das formas é a *condição*, um pressuposto para uma ciência da sociedade. Em que consistirá esta ciência em si? Simmel não dá nenhuma indicação de como tal ciência poderia parecer. A prova disso é a sua admissão de total impotência quando se trata de problemas de método: fala, no máximo, de “método intuitivo” ou de aprendizagem do “olhar sociológico”. Pode uma sociologia contentar-se com intuições ou descrições ou não tem também uma tarefa de “construção do mundo social” ou, mais precisamente, de “reconstrução” teórica da realidade social que o cientista tem diante de seus olhos, uma reconstrução que pode variar de acordo com o método do autor? Se for esse o caso, o método de Simmel, que consiste apenas em identificar “formas” de socialização, é totalmente inadequado. Não se trataria antes, uma vez identificadas essas formas, de determinar o que é comum a essas diferentes formas de socialização, a fim de emergir uma espécie de “célula” do social que possibilitasse reconstruir toda a sociedade, formas e conteúdo?

O conceito de interação, que tende a ser substituído pelo conceito de “forma”, parece-me mais claro e produtivo. Se usado de forma consistente, o conceito de interação de Simmel poderia mostrar que “formas” de socialização, como dominação e subordinação ou a divisão de grupos em partes, não são irreduzíveis, mas são formas de interação social. O esforço de Simmel para não começar a estudar a sociedade colocando-a como algo que existe *a priori* é louvável. Fiel à tradição da filosofia alemã, ele se pergunta “como é que a sociedade é possível?”<sup>13</sup>, que síntese é necessária para que uma sociedade ocorra, e mostra que a síntese social é uma síntese que ocorre entre os próprios membros da sociedade, não na cabeça do observador<sup>14</sup>. É, portanto, correto começar pela menor e mais abstrata unidade que pode constituir uma “célula” da sociedade. A interação de Simmel poderia muito bem constituir tal célula, como é a troca de mercadorias, em Marx, ou a prática social (*soziales Handeln*), em Max Weber, ou a prática comunicacional (*kommunikatives Handeln*), em Habermas. O conceito de forma parece-me, portanto, estar aquém do de interação, que foi mais longe. Não é por acaso que o conceito de forma não permaneceu na sociologia depois de Simmel, enquanto o de *Wechselwirkung*, sob o nome inglês de *interaction*, fecundou toda a sociologia americana.

A partir deste texto de 1894, percebemos que Simmel é incapaz de realizar o programa que se propôs. Depois de abandonar sua primeira concepção da sociologia como método do *Geisteswissenschaften*, ele tentou dar um objeto à ciência que queria fundar, mas seu conceito de “formas de socialização” era

13 Cf. Simmel, *Wie ist Gesellschaft möglich?* em *Soziologie*, p. 21 e subsequentes.

14 Ibid. Sobre este ponto, ele difere de sua posição de 1890 (cf. acima).

muito impreciso, equívoco e evasivo para ser apropriado para constituir o fundamento de uma sociologia. Simmel queria dar à sociologia um lugar ao lado das outras ciências sociais, de modo que ela não fosse mais um simples método de pesquisa, um princípio heurístico puro que regulava as ciências da mente; mas ele lhe dá um objeto tão abstrato, enquanto as outras ciências sociais têm um objeto concreto, que a sociologia dificilmente pode ser outra coisa, em sua mente, do que uma filosofia das ciências sociais.

### 3. Sociologia e psicologia

A real incapacidade de Simmel de fundar uma ciência nos princípios que enunciava reflete-se em sua admissão de impotência sobre o método da sociologia. Não tendo um método para propor, contenta-se em afirmar que a sociologia deve usar a psicologia.

Há uma ciência específica da sociedade porque certas formas específicas, dentro da complexidade da história, se deixam reduzir a estados psíquicos e ações que vêm diretamente da interação de indivíduos e grupos, do contato social<sup>15</sup>.

Nesta passagem, Simmel revela ser um discípulo de Lazarus, para quem a psicologia deve servir de ciência racional à história da humanidade, como a física e a química à biologia ou como a mecânica à física e à química (BOUGLÉ, 1896, p. 36).

Sabemos que, na mesma época, Durkheim defendeu a teoria oposta em suas **Regras do Método Sociológico**. Para Durkheim, os fatos sociais, tendo por característica essencial de exercer um poder sobre as consciências individuais, não derivam destas últimas.

Numa palavra, existe entre a psicologia e a sociologia a mesma solução de continuidade que entre a biologia e as ciências físico-químicas. Por conseguinte, todas as vezes que um fenômeno social está explicado diretamente por um fenômeno psíquico, pode-se estar certo de que a explicação é falsa (p. 103).

É principalmente esse ponto do método de Durkheim que Bouglé criticará em seu livro sobre *As Ciências Sociais na Alemanha*, com argumentos dignos de atenção que poderiam ser assinados por Simmel:

Mas observemos que se não houvesse consciências para conhecer, interpretar, amar as coisas sociais, estas seriam para a sociedade como se elas não existissem. O próprio Durkheim reconhece que elas não têm força motriz e que são produto de ações humanas. Aparentemente, se as consciências não interferissem, os fatos sociais não se executariam, como algumas expressões de Durkheim tenderiam a fazer crer. Sem vida psíquica, não há vida social (...). Estas reações, a que as consciências individuais estão sujeitas pelo simples facto de se associarem, são obviamente fenômenos psicológicos que se produzem através do meio físico. A consciência destas reações especiais pode conduzir, como Lazarus pretendia, à ideia de uma psicologia social distinta da psicologia individual, mas não à ideia de uma sociologia sem psicologia.

Ao receber o livro de Bouglé (final de 1895), Durkheim respondeu-lhe em uma carta, retomando essa questão e tentando conciliar as posições: “Eu nunca disse que a sociologia não tinha nada de psicológico em si, e aceito completamente sua fórmula na p. 151, que é uma psicologia, mas uma psicologia distinta da psicologia individual”<sup>16</sup>. Sob a influência de Bouglé, a posição de Durkheim, portanto, se aproxima daquela de

15 *Le Problème de la Sociologie*, p. 47; tradução: p. 168.

16 Carta de Durkheim a Bouglé, datada de 14 de dezembro de 1895 (publicada por Philippe Besnard na *Revue Française de Sociologie*, 17 (2), 1976, p. 166-167).



Simmel, como mostra esta carta de 1896: “Mais uma vez, nunca sonhei em dizer que poderíamos fazer sociologia sem cultura psicológica, nem que a sociologia fosse outra coisa senão psicologia (...). Um fenômeno da psicologia individual tem como substrato uma consciência individual, um fenômeno da psicologia coletiva um conjunto de consciências individuais”<sup>17</sup>. Um ano mais tarde, Durkheim dirá simplesmente que Simmel e ele próprio exprimem o mesmo pensamento sob duas formas diferentes<sup>18</sup>. Assim procedendo, Durkheim se aproxima singularmente, apesar das suas negações<sup>19</sup>, da *Völkerpsychologie* e da psicologia social de Lazarus e Steinthal, com quem Simmel tinha iniciado a sua carreira em Berlim e que Bouglé tinha apresentado ao público francês<sup>20</sup>. É certo que Durkheim quase nunca usou o termo “psicologia social”, que em sua opinião era confuso, mas passou a usar o de “psicologia coletiva”, que encontraria sua expressão condensada no conceito de “representações coletivas” que ele estava em processo de forjar e que apareceria em seu artigo de 1898 sobre “Representações individuais e representações coletivas”.

É, portanto, a partir do final da década de 1890 que data a evolução de Durkheim, pela qual ele gradualmente se emancipa dos esquemas positivistas e organicistas de Comte, Spencer e Schäffle, em parte sob a influência dos alemães que lê regularmente, e caminha para uma abordagem que estuda as mentalidades coletivas e a gênese das representações coletivas que se impõem aos indivíduos. Esta evolução cristalizar-se-ia

quinze anos mais tarde no seu livro mais completo, *As Formas Elementares da Vida Religiosa*. Não menos paradoxal é o facto de ter sido precisamente quando se aproximava mais de Simmel que o atacou violenta e repetidamente, primeiro numa revista italiana e depois em uma da França. Esta crítica a Simmel foi também uma oportunidade para Durkheim clarificar os seus pontos de vista sobre o estatuto da sociologia e a sua relação com as outras ciências sociais.

#### **4. A sociologia como corpus das ciências sociais (Durkheim e Fauconnet)**

Pouco depois da efêmera colaboração de Simmel no *L'Année Sociologique*, Durkheim publica um artigo na *Rivista Italiana di Sociologie* (1900), onde explicita sua ruptura com o sociólogo alemão. Este artigo, intitulado *La sociologie et son domaine scientifique*, se apresenta simultaneamente como uma resposta aos textos teóricos de Simmel, publicados nas revistas francesas, bem como uma retificação de certas posições contidas nas *Regras do Método Sociológico*. A maioria das ideias contidas neste artigo dirigido principalmente contra Simmel será encontrada quase textualmente em seu prefácio à segunda edição das *Regras* (1901). Ele então esclareceu sua posição novamente em um artigo escrito em colaboração com Paul Fauconnet para a *Revue Philosophique* (1903).

Em *La sociologie et son domaine scientifique*, Durkheim acredita que chegou a hora de a sociologia envidar todos os esforços para adquirir “uma consciência superior

17 Carta de dezembro de 1896, publicada em *Textes* 2, p. 393.

18 Carta de julho de 1897, *ibid.*, p. 402.

19 Cf. Durkheim, *Sociologie et sciences sociales*, nos *Textes* 1, p. 153.

20 Cf. Lazarus, citado por Bouglé, *op. cit.*, p. 20.

de seu objeto” e se esforçará para delimitar com a maior precisão possível o que é o “campo da sociologia”, para que não seja um “título convencional aplicado a um agregado incoerente de disciplinas díspares” (p. 14). Não é a primeira concepção de Simmel (a sociologia como método das outras ciências) que Durkheim ataca, mas a segunda, na qual a sociologia tem um objeto próprio, mas diferente do das outras ciências sociais, a saber, as “formas de socialização” *in abstracto*. Parecia, diz Durkheim, que assim se atribui à sociologia um objeto bem definido. “Na realidade, pensamos que uma tal concepção só serve para a manter dentro da ideologia metafísica da qual sente, pelo contrário, uma necessidade irresistível de se emancipar” (p. 16). Com que direito, diz ele ainda, separamos assim o receptáculo de seu conteúdo? “Para excluir da sociologia os diferentes fenômenos que constituem a trama da vida social, seria necessário demonstrar previamente que não são obra da coletividade, mas que têm origens completamente diferentes e vêm simplesmente tomar lugar no quadro geral que constitui a sociedade” (p. 17). No entanto, Simmel não faz tal demonstração, mas concentra seu estudo nas “formas” de socialização, esvaziando-as de seu conteúdo. “Seria uma ideia muito estranha imaginar o grupo como uma espécie de forma vazia, um molde indiferenciado que pode receber qualquer matéria!” (p. 17). Durkheim reprova principalmente a distinção que Simmel estabelece entre a forma e o conteúdo da associação humana. Para ele, os conteúdos da associação, que são, na linguagem de Simmel, o direito, os costumes, as religiões, os Estados etc., são indissociáveis das instituições e das formas particulares que eles realmente assumem. Por conseguinte, a sociologia supõe o conhecimento prévio de

“todas as ciências especiais que desejaríamos colocar fora da sociologia, mas sem as quais ela não pode passar” (p. 19).

Um outro aspecto da crítica que Durkheim dirige a Simmel refere-se ao problema das relações entre sociologia e psicologia. Foi aí que, talvez como resultado de sua correspondência com Bouglé sobre esse problema, bem como de seu artigo sobre “Representações individuais e coletivas”, ele retificou levemente sua posição abrupta das Regras de 1895:

Sem dúvida, é verdade que todos os fenômenos funcionais, de ordem social, são psicológicos, no sentido que eles constituem um modo de pensar e de ação. Porém, para que a sociologia possa ter uma matéria que lhe seja própria, é necessário que as ideias e as ações coletivas sejam diferentes por natureza daquelas que têm sua origem na consciência individual e que elas sejam, além disso, regidas por leis especiais (p. 24).

Em seguida, ele acusa Simmel de ser influenciado pelo “muito velho sofisma” segundo o qual, em razão da sociedade ser constituída de indivíduos e que não se pode ter no todo senão o que se encontra nas partes, tudo que é social é redutível a fatores individuais. Ora, como vimos, se Simmel afirma que a sociologia precisa da psicologia, em nenhum lugar ele diz estritamente que a sociologia se reduz à psicologia. Num artigo de 1896, intitulado *Zur methodik der sozialwissenschaft*, Simmel expressa muito claramente em termos que poderiam ser subscritos por Durkheim:

Se a sociedade deve ser objeto próprio de uma ciência autônoma, ela só pode porque da soma dos indivíduos que a constituem nasce uma nova unidade; do contrário, todos os problemas da sociologia seriam apenas problemas de psicologia individual (p. 233).

Portanto, sobre esse problema, a posição

de Simmel não se diferencia fundamentalmente daquela de Durkheim. Este não faz mais do que repetir de maneira mais insistente coisas que são implícitas em Simmel. O fato de que “uma associação de consciências particulares se torna o campo de ação de fenômenos *sui generis* que as consciências associadas não poderiam ter produzido pela força pura de sua natureza”<sup>21</sup> não é de modo algum questionado pela sociologia de Simmel, e Durkheim preconiza, por assim dizer, com convicção. Durkheim retoma o exemplo de um organismo: nos átomos minerais que constituem a substância viva, nada revela o menor germe de vida. Mas este exemplo não vai ao cerne da sociologia de Simmel, uma vez que Simmel utiliza um exemplo que pouco difere deste (e num texto que Durkheim conhecia, uma vez que ele próprio o traduziu).

Se é verdade que Simmel atribui à ciência social a tarefa de não estudar os fenômenos sociais tal como eles aparecem na escala da sociedade, mas estudá-los de perto, por um processo de análise que reduz o fenômeno social a seus elementos simples, ele não quer dizer com isso que é necessário reduzir o estudo da sociedade ao estudo dos indivíduos que a compõem ou, para usar a metáfora de Durkheim, reduzir a substância viva aos átomos minerais dos quais ela é composta; diversamente, Simmel quer analisar a sociedade reduzindo-a à menor interação que encontra entre seus membros:

Nós designamos cada objeto como unitário na medida em que seus elementos se encontram em relações dinâmicas mútuas. Se um ser vivo

dá uma tal impressão de unidade, é porque nós observamos nele a ação mais enérgica de cada elemento sobre cada elemento<sup>22</sup>.

Simmel esclarecerá esse ponto na introdução de sua *Sociologia*, de 1908, fazendo-se apóstolo de uma sociologia “microscópica”, que estuda a sociedade *in statu nascendi*. Contrariamente, Durkheim postula nesse artigo que realmente existe um *reino social* “tão diferente do reino individual como o reino biológico pode sê-lo do reino mineral”<sup>23</sup> e que constitui o domínio da sociologia.

Mas fazendo do “reino social” como um todo o domínio da sociologia, Durkheim vê que ele se expõe à reprovação que lhe é dirigida por Simmel: os fatos com os quais ele lida já são estudados por outras ciências. “A sociologia não passaria, portanto, de um rótulo afixado a um conjunto mais ou menos coerente de antigas disciplinas e teria de novo apenas o nome?” (p. 32), pergunta ele retomando os termos do Simmel.

Durkheim tenta escapar dessa crítica sugerindo que as diferentes ciências sociais são “ramos de uma única ciência que a todas engloba e à qual damos o nome de sociologia” (p. 33), tentando assim fundamentar teoricamente o que se convencionou chamar de seu “imperialismo sociológico”. A sociologia é aqui, para Durkheim, não somente o “sistema das ciências sociais”, mas um ramo da sociologia intitulada “sociologia geral”, que é encarregada de fazer a síntese entre as diferentes ciências e de mostrar como os elementos se unem para formar um todo (p. 35-36). Neste ponto, chegamos a um estranho paradoxo. Partindo da sociologia

21 Durkheim, *Textes I*, p. 25; cf. também o Prefácio da 2ª edição de *Les Règles de la Méthode Sociologique*, p. XVII.

22 Simmel, *Über Soziale Differenzierung*, p. 13.

23 Durkheim, *Textes I*, p. 31.

como ciência “positiva”, Durkheim desemboca numa concepção da sociologia geral como disciplina sintética, que lembra o primeiro esboço de Simmel, que também fez da sociologia uma ciência elaborando sínteses a partir dos resultados de outras ciências. Se, de um lado, a sociologia é para Durkheim o conjunto, o “sistema” das ciências sociais, um tipo de ciência social *geral* (a palavra “geral” sendo tomada por sua compreensão) englobando todas as outras, a disciplina que ele chama, de outro, “sociologia geral” (a palavra “geral” sendo tomada aqui por a filosofia das ciências sociais. Portanto, nós constatamos neste ponto da análise, senão uma incoerência, pelo menos uma incerteza no pensamento de Durkheim quanto ao status da sociologia.

Talvez consciente desta contradição, Durkheim volta a abordar o problema da relação entre a sociologia e as outras ciências sociais no seu artigo de 1903 sobre *Sociologia e Ciências Sociais*, onde retoma com precisão sua crítica a Simmel. O que ele tenta mostrar neste artigo (escrito com Fauconnet) é que a sociologia não é nem o termo genérico usado para designar coletivamente o conjunto das ciências históricas e sociais, nem uma ciência distinta das outras ciências sociais e tendo um objeto próprio e uma individualidade. Durkheim opõe a esta duas posições, correspondendo mais ou menos aos dois esboços sucessivos de Simmel, aquela da sociologia como “sistema, ou *corpus* das ciências sociais”<sup>24</sup>, o que é ligado para ele à exigência de uma mudança radical no método e na organização das ciências, a saber “que elas devem ser elas mesmas ciências positivas, se abrir ao espírito do qual procedem as outras ciências da natureza” (p. 145). Esta exigência

mostra que, mesmo quando se poderia pensar que Durkheim retoma a primeira proposição de Simmel à sua maneira (a sociologia como ciência eclética), um abismo intransponível os separa no segundo ponto, uma vez que, quando Simmel fala da sociologia como um método das outras ciências (e ele retomará essa proposta em 1908), ele está pensando precisamente nas *Geisteswissenschaften*, isto é, nas ciências que se distinguem das ciências naturais pelo fato de que seus objetos são “espirituais”, e que, portanto, exigem um método especial, distinto daquele das ciências positivas. A sociologia de Durkheim, ao contrário, só se tornará uma ciência que abranja todas as outras se elas se curvarem ao seu método, “assumirem um caráter sociológico”, ou seja, também se tornarem ciências positivas.

Para resumir a crítica que Durkheim dirige a Simmel, diria que ele contesta principalmente a distinção feita entre a forma de socialização e o conteúdo e, consequentemente, o fato de Simmel separar a sociologia, ciência das formas abstratas de socialização, das outras ciências sociais que tratam das socializações concretas. É o status da sociologia que está em causa, ciência autônoma tendo um objeto abstrato e relativamente vago para Simmel, ciência abrangendo todas as outras ciências sociais para Durkheim e tendo mesmo o desejo de as reger e de se constituir em uma filosofia das ciências sociais. Vimos, por outro lado, que a acusação de Durkheim de que Simmel está fazendo uma “psicologia” e lidando com o mundo social a partir dos indivíduos que o compõem não é verdadeiramente pertinente (ou melhor: ainda não), já que Simmel não fala propriamente de “psicologia individual”,

24 Durkheim e Fauconnet, *Sociologie et Sciences Sociales* in: Durkheim, *Textes I*, p. 121.

mas procura estudar as “interações” elementares entre os indivíduos.

A crítica que permanece a mais acertada e justificada é a acusação de incoerência do projeto sociológico de Simmel: este não é capaz de construir uma sociologia, contenta-se com variações filosóficas sobre este ou aquele assunto da vida social<sup>25</sup>. Veremos que essa tendência continuará se ampliando.

Apesar de Simmel e Durkheim estarem em posições relativamente próximos na década de 1890, eles se separarão definitivamente durante os anos 1900, após este artigo bastante violento de Durkheim, e isso paradoxalmente em um momento em que Durkheim, trabalhando principalmente em seus estudos de sociologia da religião, acentua sua aproximação com a “tradição alemã”. Essa ruptura definitiva deve-se principalmente ao fato de que, em seus estudos posteriores (deixando de lado a singular exceção de seu livro sobre religião), Simmel acentuou os traços que só poderiam incomodar Durkheim: o aspecto cada vez mais filosófico e metafísico de sua sociologia, a sociologia como variação dos mais diversos temas, a psicologização progressiva de sua sociologia (como se Durkheim tivesse criticado antecipadamente os últimos trabalhos de Simmel) e sua aproximação cada vez mais sensível com os temas de Bergson e da filosofia da vida.

Na introdução de sua *Sociologia*, de 1908, Simmel reproduzirá mais uma vez sua definição do “problema da sociologia”, integrando respostas às críticas de Durkheim e acrescentando novos desenvolvimentos.

## 5. Da sociologia à metafísica

Na introdução de 1908, intitulada “O Problema da Sociologia” (como o texto de 1894), e que constitui seu maior<sup>26</sup> texto teórico, Simmel parte da constatação de que as reivindicações feitas pela sociologia como ciência são “o prolongamento e o reflexo teórico do poder prático que as massas conquistaram durante o século XIX em relação aos indivíduos” (p. 1). A ciência da sociedade, diz Simmel citando implicitamente a concepção defendida por Durkheim,

Apareceu como o domínio englobando todo o resto, no qual se encontravam a ética como a história da civilização, a economia política como a ciência das religiões, a estética como demografia e a etnologia, já que os objetos dessas ciências foram realizados no âmbito da sociedade: a ciência do homem era ciência da sociedade... Mas, olhando mais de perto, [acrescenta], essa reunião de todos os campos de conhecimento existentes não produz nada de novo. Significa apenas que todas as ciências históricas, psicológicas e normativas são lançadas num grande recipiente ao qual atribuímos o rótulo: sociologia. Ao fazê-lo, estaríamos apenas a ganhar um novo nome, quando tudo o que ele designa já está no seu conteúdo ou nos seus relatórios, ou é produzido no âmbito de áreas de pesquisas existentes. O fato de que o pensamento e a ação humanos ocorrerem na e através da sociedade não faz da sociologia a ciência social total, assim como a química, a botânica e a astronomia estão contidas na psicologia, porque seus objetos são reais apenas na consciência humana (p. 2).

Não há dúvida de que esta passagem foi escrita para Durkheim e responde ao seu artigo sobre *Sociologia e Ciências Sociais*. Mas Simmel não diz nada diferente de

25 Durkheim, *La sociologie et son domaine scientifique*, p. 19.

26 Simmel, *Das Problem der Soziologie, Soziologie. Untersuchungen über die Formen der Vergesellschaftung* (1908). É de se lamentar que Julien Freund não o tenha incluído em sua edição dos textos de Simmel.

Durkheim quando afirma que a descoberta de que o homem vive em interação com outros homens deve levar a um novo modo de consideração das “ciências do espírito”: a história não pode mais ser explicada como se fosse obra de indivíduos, a linguagem como se fosse um dom de Deus, religião como se fosse uma invenção de sacerdotes astutos, ou, ao contrário, uma revelação etc. Agora todos os fenômenos históricos podem ser considerados como “a incorporação das energias sociais nas que se estendem e se desenvolvem para além do indivíduo” (p. 3). Mas, enquanto Durkheim deduzia desta constatação que todas as outras ciências deviam ser integradas na sociologia para que pudessem “avançar numa nova direção”<sup>27</sup> e tornarem-se ciências positivas, Simmel conclui que a sociologia, “na sua relação com as ciências existentes, é um novo método, um auxiliar da investigação que pode ajudar as manifestações de todos os domínios que tomaram um novo caminho” (p. 3). Assim, a sociologia se comporta de forma pouco diferente da indução no passado, que, como um novo princípio de pesquisa, penetrou em todas as ciências possíveis, ajudando-as a resolver novas tarefas.

Essa definição de sociologia é ainda mais notável porque Simmel já a havia expressado pela primeira vez em 1890, mas a rejeitou explicitamente em 1894. Aqui, diversamente, essa concepção da sociologia é mantida, justificada à seguinte, segundo a qual a sociologia deve ser uma ciência autônoma, tendo um objeto próprio. Simmel se pergunta precisamente qual objeto pode fazer da sociologia uma ciência autônoma, delimitada por fronteiras. Não se trata, enfatiza ele, de descobrir

um objeto até o presente desconhecido. O que se chama de objeto é “um complexo de relações e determinações, cada uma das quais pode se tornar objeto de uma ciência particular” (p. 3). Esses objetos já existem, mas trata-se de definir o conceito. Ao axioma de Durkheim, segundo ao qual “para que uma sociologia possa existir, é necessário que se produzam em cada sociedade fenômenos em que essa sociedade seja a causa específica e que não existiriam se ela não existisse, e que só são o que são porque ela é constituída como ela é”<sup>28</sup>, Simmel responde:

Se quisermos que a sociologia exista como ciência autônoma, será necessário que o conceito de *sociedade* como tal submeta os dados sócio-históricos a uma abstração e reorganização novas, de sorte que (sem contentar-se em reunir exteriormente esses fenômenos) algumas de suas determinações, que até então só tinham sido consideradas em muitas outras combinações, sejam reconhecidas como conexas e consequentemente como objetos de *uma única* ciência (p. 4).

Tal ponto de vista só se obtém procedendo a separação entre forma e conteúdo da sociedade. Encontramos uma sociedade, enfatiza ele, onde diversos indivíduos estão em interação. A interação entre os indivíduos, qualquer que seja seu conteúdo (religioso, sexual, profissional etc.), produz uma unidade que ele também chama de “socialização” (*Ver-gesellschaftung*). Uma unidade (um corpo orgânico, um Estado etc.) não é, para Simmel, a soma de suas partes, mas a soma das interações que a constituem. O que Simmel chama de “conteúdo” ou “matéria” da socialização é definido como sendo tudo que, nos indivíduos, leva à produção de interações: os

27 Durkheim e Fauconnet, artigo citado, p. 145.

28 Durkheim, *La sociologie et son domaine scientifique*, p. 23.

instintos, os interesses, os objetivos, as inclinações, os estados e movimentos psíquicos. Os conteúdos não são imediatamente sociais, eles são os “materiais nos quais a vida é preenchida” (expressão com qual Simmel introduz pela primeira vez o conceito de vida, *Leben*, na sua sociologia), eles só constituem uma socialização “quando estruturam a justaposição dos indivíduos em formas determinadas de coordenação e de cooperação”, que Simmel nomeia de interações.

Continuando sua busca pelo objeto que a sociologia deve ter, Simmel observa que, para haver uma ciência cujo objeto é a sociedade e nada mais, ela pode e deve apenas analisar essas “formas de socialização e interação”. Esse método, que consiste em separar o inseparável por meio da “abstração científica”, parece-lhe “a única possibilidade de fundar uma ciência especial da sociedade”.

Para que uma tal separação entre forma e conteúdo seja possível, é necessário que a mesma forma de socialização se encontre em conteúdos diferentes e que tal conteúdo possa assumir diversas formas (como é o caso, por exemplo, em geometria). E, efetivamente, Simmel constata, por um lado, que grupos com interesses divergentes apresentam formas idênticas (concorrência, subordinação, divisão do trabalho etc.), e, por outro, que, por exemplo, o mesmo interesse econômico pode ser alcançado tanto pela concorrência como pela organização planejada dos produtores.

O fato é seguramente incontestável, mas de forma alguma prova que o estudo dessas “formas” possa ser objeto de uma ciência. Simmel observa, com razão, que todas as outras ciências sociais foram constituídas de acordo com o *conteúdo*. Especificamente,

diz ele, sendo todos os fenômenos sociais estudados, do ponto de vista de seu conteúdo, pelas outras ciências, não sobraria nada para a sociologia. Se a sociologia estudasse a totalidade dos fenômenos sociais, não seria outra senão a reunião de todas essas ciências (ou, para falar como Durkheim, o corpus das ciências sociais). Assim, para que a sociologia tenha um lugar como ciência, é necessário traçar uma linha que atravesse todos os outros campos do saber, delimitando “o facto puro da socialização”, dissociando-o do seu conteúdo e constituindo-o como um campo específico. Assim, a sociologia se tornará uma ciência especial, da mesma forma que a teoria do conhecimento, que também abstrai, da multiplicidade do conhecimento, as categorias e funções do conhecimento. A sociologia é um tipo de ciência cuja especificidade é “colocar todo um domínio de objetos sob um ponto de vista particular” (p. 8). Portanto, não é seu objeto que a distingue das outras ciências histórico-sociais, mas seu “modo de consideração, seu modo de abstração”.

A diferença entre a abordagem de Simmel e aquela de Durkheim aparece abertamente na maneira na qual eles se servem do exemplo biológico. Durkheim acusou Simmel de não ver que a sociedade produzia fenômenos *sui generis* que não eram encontrados em seus membros individuais e invocou o exemplo da biologia, mostrando que os fenômenos da vida não podem ser encontrados em partículas minerais: “a vida não pode ser decomposta desta forma; ela é una e, por conseguinte, só pode ter como centro a substância viva na sua totalidade. Ela está no todo, não nas partes”<sup>29</sup>.

Simmel responde diretamente à esta

29 Durkheim, Prefácio da 2ª edição das *Règles* (1901), p. XVI.

acusação mostrando que a vida não está no todo, mas nas interações:

Só quando estudaram os processos que se desenrolam no interior dos organismos e cuja soma ou entrelaçamento é a vida, só quando se compreendeu que a vida tem o seu local apenas em processos particulares próximos e entre órgãos e células, só então a ciência da vida adquiriu bases sólidas (p. 9).

Sobre este ponto, é Simmel quem tem razão contra Durkheim, já que a vida se reduz às combinações que ocorrem entre as células e não está no todo antes de estar nas partes, nem nas partes antes de estar no todo, mas nas interações antes de estar em todas elas. Portanto, Simmel é bastante coerente consigo mesmo quando ele afirma que vai fazer uma sociologia “microscópica”, um tipo de microsociologia *avant la lettre*:

Para além destes fenômenos, visíveis à distância e que se impõem de todos os lados pela sua dimensão e importância externa, há um número incomensurável de formas de relações e tipos de interações entre os homens, menores, às vezes pouco manifestáveis, mas que, no entanto, produzem a sociedade como a conhecemos (p. 14-15).

O que torna o estudo científico mais difícil de tais fenômenos é também o que os torna incomparavelmente importantes para a compreensão da sociedade: é o fato “que eles não são ainda cristalizados em criações intelectuais (*Gebilde*) fixadas supraindividuais, mas mostram a sociedade, por assim dizer, *in statu nascendi*” (p. 15).

A socialização entre os homens é perpetuamente amarrada, desatada e amarrada novamente, um fluxo eterno, uma pulsação que une os indivíduos mesmo quando eles não chegam a constituir organizações propriamente ditas. Aqui, trata-se, por assim dizer, de processos microscópicos moleculares no interior do material humano, que são, no

entanto, o verdadeiro desdobramento (*Geschehen*), que somente em seguida se encadeia ou se hipostasia nessas unidades e sistemas macroscópicos (p. 15).

Nesta passagem, vemos muito nitidamente que nesse texto de 1908 os temas da filosofia da vida (como o fluxo, a pulsação) são mais e mais presentes no pensamento de Simmel e se imiscuem na sua sociologia. Vemos também o caminho percorrido depois da *Diferenciação Social*: enquanto em 1890 ele avaliava que somente podiam ser consideradas como “sociais” e, portanto, como objetos da sociologia, as interações que tomavam uma forma objetiva e se autonomizavam em relação às pessoas que as criavam, e, por conseguinte, rejeitava explicitamente em sua sociologia os encontros efêmeros entre duas pessoas no momento de uma caminhada ou de uma conversa; enquanto em 1894 integrava à sua sociologia tantos os fenômenos duráveis – como a unidade de uma guilda da Idade Média –, como os encontros efêmeros; aqui, em 1908, ele exclui praticamente de sua sociologia as formações intelectuais cristalizadas para se concentrar unicamente sobre as interações cotidianas, sobre tudo o que está relacionado com encontros entre indivíduos:

O fato de os homens se olharem mutuamente ou terem ciúmes uns dos outros; se escrevem cartas um para o outro ou almoçam juntos; o fato de serem, independentemente de qualquer interesse apreensível, simpáticos ou antipáticos; o fato de que a gratidão à ação altruísta produz uma cadeia de obrigações indissolúveis... Estas milhares de relações pessoa a pessoa, momentâneas ou duráveis, conscientes ou inconscientes, passageiras ou com múltiplas consequências, nos vinculam constantemente uns aos outros... É aí que residem as interações entre os átomos da sociedade, acessíveis apenas à *microscopia psicológica*, que carregam toda a dureza e elasticidade, o caráter unitário e múltiplo dessa vida tão



precisa e tão enigmática da sociedade (p. 15. *Itálico meu*).

Assim, a sociologia de Simmel se orienta inelutavelmente em direção a uma “microscopia psicológica” e, daí, à uma análise psicológica das relações individuais. Seu ato de se voltar para a filosofia da vida o leva a não mais estudar a sociedade como um organismo vivo, tratando mais de descrever as formas pelas quais se manifesta a vida do que explicar seu funcionamento. Como se as acusações formuladas por Durkheim, entre 1900 e 1903, tivessem antecipado a evolução de Simmel, este renunciará agora aos grandes estudos da sociologia (dos quais o de *Como as formas sociais se mantêm* foi um dos melhores exemplos) para se contentar, na maioria das vezes, com “simples variações filosóficas sobre certos aspectos da vida social escolhidas mais ou menos ao acaso”<sup>30</sup> e misturando quase indiferentemente sociologia e filosofia, sociologia e psicologia.

Ele afirmará, portanto, nesta introdução à sua *Sociologia*, que os estudos que apresenta não parecem ser outra coisa senão “capítulos de psicologia, ou pelo menos de psicologia social” (p. 16-17). Cada história, cada descrição de um estado social requer o uso de um “saber psicológico”.

Embora Simmel observe que “o tratamento científico de fatos psicológicos não precisa necessariamente ser da psicologia” (p. 17), o fato é que seu método, como Paul Barth já observou, é “psicológico a despeito de si mesmo”<sup>31</sup>. Simmel conclui sua demonstração com uma aporia:

Os dados da sociologia são, portanto, processos psíquicos cuja realidade imediata é

oferecida, em primeiro lugar, por categorias psicológicas; mas essas categorias, embora indispensáveis para a descrição dos fatos, permanecem fora dos objetivos da consideração sociológica, que se encontra, antes, na apresentação do caráter coisificado (*Sachlichkeit*) da socialização, que é realizada por processos psíquicos e só pode ser descrita por eles (p. 17).

Essa paradoxal despedida da sociologia, que se inicia nesta obra monumental com a aparência de um tratado, é formulada quase explicitamente no final de sua introdução, onde afirma que, “como qualquer outra ciência exata”, a ciência social é delimitada por dois domínios filosóficos: um, a *teoria do conhecimento*, as condições dos estudos, os pressupostos, os conceitos fundamentais da pesquisa, o outro, a *metafísica*, conduz os desenvolvimentos da pesquisa a uma conclusão que não tem lugar na experiência e no conhecimento objetivo:

A insatisfação diante o caráter fragmentário do conhecimento singular, diante o fato de que coisas objetivamente constatáveis e as cadeias de demonstrações rapidamente esvaçadas, leva a querer melhorar essas imperfeições por meios da especulação (p. 20).

Definindo os dois domínios filosóficos que considera limítrofes da sociologia, Simmel descreve mais o seu próprio percurso do que traça as verdadeiras fronteiras da ciência social. É verdade que, começando com os estudos sobre a teoria do conhecimento, ele chegou à sociologia antes de se refugiar na metafísica. Isso significa que a especulação é um complemento indispensável à sociologia?

## Considerações finais

30 Durkheim, *Textes I*, p. 19.

31 Paul Barth, *Die Philosophie der Geschichte als Soziologie*, p. 153.

Nós tentamos acompanhar a evolução do pensamento de Simmel sobre o problema do objeto e do estatuto da sociologia. A comparação com a abordagem de Durkheim nos permitiu delimitar melhor, descobrir as “interações” entre o pensamento de Simmel e o de Durkheim, de constatar a existência de um diálogo entre os dois fundadores da sociologia e de explicitar os aspectos paradoxais das duas tentativas. Apesar de, nos anos 1890, suas posições serem ainda próximas por alguns aspectos, todos dois tendo o justificado sentimento que a sociologia só poderá ser fundada se chegassem a determinar a especificidade do fenômeno social, eles se exprimiam numa linguagem muito diferente para que o diálogo se transformasse em verdadeira colaboração. Quando Durkheim, que partira da tradição de Comte, Spencer e Schâffle, isto é, da sociologia positiva, se aproxima progressivamente, no final da década de 1890, da “tradição alemã” e começa a falar de “psicologia coletiva”, ele ataca severamente Simmel num artigo que põe termo a toda possibilidade de cooperação, no plano internacional, entre as duas figuras de proa da sociologia. Em sua resposta, Simmel, além de não tentar justificar ou se defender contra algumas acusações pertinentes de Durkheim, acentuará ainda os traços que colocam em questão o caráter científico de sua sociologia: objeto abstrato e impreciso, ausência de método, utilização de simples exemplos como provas de apoio às afirmações sociológicas.

Partindo de uma definição da sociologia como uma ciência eclética, síntese, método, uma espécie de filosofia das ciências sociais, Simmel tentou fundar a sociologia como

ciência e encontrar um objeto para ela: logicamente, portanto, renunciou à sua primeira definição. Porém, o objeto que ele atribui à sociologia é tão abstrato (as formas de socialização) e a determinação desse objeto por meio da abstração científica é uma tarefa tão filosófica que quase não se consegue ver o que distingue esta segunda abordagem de uma “filosofia das ciências sociais”. Assim, ele justapõe as duas definições (sociologia como método e como ciência) a partir de 1908. Em sua última tentativa, a de 1917, ele até reafirmou claramente: “a sociologia não é apenas uma ciência com seus próprios objetos, distintos em virtude da divisão do trabalho daqueles de outras ciências, mas também se tornou um método das ciências históricas e das ciências do espírito”<sup>32</sup>. A obra de Simmel aparece como uma pesquisa ao final da qual ainda não sabemos exatamente o que é sociologia.

Nesse sentido, a *Filosofia do Dinheiro* (1900) constitui um texto central entre os dois momentos do pensamento de Simmel, não só pela data, mas pelo conteúdo. Esta obra, que é em muitos aspectos a mais completa de Simmel, que estabeleceu sua reputação internacional, teve uma profunda influência sobre toda uma geração de pensadores alemães e foi traduzida para todas as línguas europeias importantes (exceto o francês), deve ser lida como um instantâneo ou um “cristal” do pensamento de Simmel em seu equilíbrio instável, na fronteira entre o materialismo histórico e a filosofia de vida: ao mesmo tempo, ele é o ponto culminante de seus trabalhos dos anos 1890 sobre os *Gebilde*, as formações sociais criadas pelo homem com o objetivo de permitir a “hereditariedade do adquirido” e sua

32 Simmel, *Grundfragen der Soziologie* in: *Sociologie et Epistemologie*, p. 93.

autonomização, trabalhos que levarão à criação do conceito de *Versachlichung*, coisificação ou reificação, que prolonga os estudos de Marx sobre o caráter fetichista da mercadoria; e, simultaneamente, o primeiro de seus trabalhos de metafísica e de filosofia da vida, sendo o dinheiro, para Simmel, uma forma sob a qual se manifesta a “vida” (*Leben*) da sociedade, uma objetivação da vida e seus desenvolvimentos sobre a crescente dissociação entre cultura objetiva e cultura subjetiva, espírito objetivo e espírito subjetivo, *forma* e *vida*, constituindo as primeiras formulações de sua teoria da “tragédia da cultura” tal como ela tomará forma a partir de 1910.

Um balanço da sociologia de Simmel deveria destacar o que lhe sobreviveu: o conceito de interação, a microssociologia, a sociologia da grande cidade, a sociologia do conflito, a sociologia da cultura, o estudo do problema da reificação, mas também (embora menos conhecido) a sociologia da religião. Este balanço está longe de ser irrisório e deve nos encorajar a conhecer e ler Simmel, sem, no entanto, buscar nele respostas para problemas sociológicos que geralmente ele apenas levantava.

Vimos que Durkheim, apesar de sua coerência muito maior do que aquela de Simmel, apresentava igualmente algumas hesitações sobre o problema do estatuto da sociologia. As relações entre sociologia e psicologia, sociologia e filosofia ou entre sociologia e ciências sociais, não foram regradas por Durkheim de maneira definitiva. Mesmo quando ele define a sociologia como o corpus das ciências sociais, um tipo de ciência englobando todas as outras ciências sociais, ele deixa subsistir uma disciplina que chama

de sociologia geral e que é encarregada, por assim dizer, de fazer a filosofia das ciências sociais – se aproximando assim da concepção de Simmel.

Nosso estudo nos permitiu ver quais eram os problemas discutidos há quase um século, época em que foi fundada a sociologia como ciência. Vimos duas estratégias diferentes para a criação dessa ciência: uma na perspectiva das *Geisteswissenschaften* e da filosofia da história, a outra na perspectiva das ciências positivas, mesmo que haja em Durkheim uma progressiva emancipação dos esquemas de Comte que marcaram seus primeiros textos. Vimos também duas respostas diferentes sobre o problema das relações entre sociologia e ciências sociais. Podemos constatar, quase cem anos depois<sup>33</sup>, é que a maior parte desses problemas não foram resolvidos: psicologia social ou sociologia dos fatos sociais, microssociologia ou macrossociologia, compreensão intersubjetiva e estudo dos comportamentos ou conhecimento objetivo de realidades sociais e de correntes sociais, todas estas escolas ainda coexistem atualmente. A sociologia é uma ciência social entre outras ou pretende reger as outras ciências fazendo-se filosofia? A resposta a esta pergunta depende, hoje como ontem, da ambição dos sociólogos.

## Referências Bibliográficas

### I. Textos de Simmel

1890. – Über soziale Differenzierung. Soziologische und psychologische Untersuchungen, Leipzig, Dunker & Humblot.

1892. – Die Probleme der Geschichtsphilosophie. Eine erkenntnis-theoretische Studie, Leipzig, Dunc-

33 Mantivemos o texto original – “quase cem anos depois” – porque o artigo de Marc Sagnol foi publicado na *Revue Française de Sociologie* em 1987. [N.T.]

- ker & Humblot, réédition 1905 et 1907. Trad. fr. par Raymond Boudon, Paris, Presses Universitaires de France, 1984.
1894. – « Das Problem der Soziologie », *Jahrbuch für Gesetzgebung, Verwaltung und Volkswirtschaft im deutschen Reich*, réédité dans *Das individuelle Gesetz*, Frankfurt, Suhrkamp 1968. Trad. fr. dans *Revue de métaphysique et de morale*, 2e année, 1894, rééditée dans *Sociologie et épistémologie*.
1896. – « Zur Methodik der Sozialwissenschaft », *Jahrbuch für Gesetzgebung, Verwaltung und Volkswirtschaft im deutschen Reich*, Leipzig, II, pp. 230 sq.
1896. – « Comment les formes sociales se maintiennent », *L'Année sociologique*, I, 1896-97. Réédité dans *Sociologie et épistémologie*.
1900. – *Philosophie des Geldes*, Leipzig, Duncker & Humblot, T éd. Berlin, Duncker & Humblot, 1977.
1906. – *Die Religion*, Frankfurt am Main, Rutten & Loening. Trad. fr. par Jean Séguy dans *Archives de sociologie des religions*, 1964.
1908. – *Soziologie. Untersuchungen über die Formen der Vergesellschaftung*, Leipzig, Duncker & Humblot, 5e éd. Berlin, Duncker & Humblot, 1978.
1911. – *Philosophische Kultur. Gesammelte Essays*, Leipzig, Kiepenheuer, 3e éd. Potsdam, Kiepenheuer, 1923.
1914. – *Mélanges de philosophie relativiste. Contribution à la culture philosophique*, Paris, Alcan.
1917. – *Grundfragen der Soziologie. Individuum und Gesellschaft*, Berlin, Göschensche Verlagsbuchhandlung, réédition Berlin et New York, Walter de Gruyter, 1970. Trad. fr. dans *Sociologie et épistémologie*.
1918. – *Lebensanschauung. Vier metaphysische Kapitel*, München-Leipzig, Duncker & Humblot.
1957. – *Brüche und Turbulenzen. Essays des Philosophen zur Geschichte, Religion, Kunst und Gesellschaft*, avec le concours de Margaret Susman, édité par Michael Landmann, Stuttgart, Koehler.
1968. – *Das individuelle Gesetz. Philosophische Exkurse*, édité par Michael Landmann, Frankfurt and Main, Suhrkamp.
1981. – *Sociologie et épistémologie*, avec une introduction de Julien Freund, Paris, Presses Universitaires de France.
1983. – *Schriften zur Soziologie. Eine Auswahl*, éd. par H.J. Dahme et O. Rammstedt, Frankfurt am Main, Suhrkamp.
1984. – *Les problèmes de la philosophie de l'histoire*, traduction et introduction de Raymond Boudon, Paris, Presses Universitaires de France.
- II. Textos de Durkheim
1893. – *De la division du travail social*, Paris, Presses Universitaires de France, 1978.
1895. – *Les règles de la méthode sociologique*, Paris, Presses Universitaires de France, 1983.
1897. – *Le suicide*, Paris. Préface rééditée dans *Textes*, Paris, Ed. de Minuit, 1975.
1898. – « Représentations individuelles et représentations collectives », *Revue de métaphysique et de morale*, 6e année, pp. 273-302.
1900. – « La sociologie et son domaine scientifique » dans *Textes*, 1.
1901. – Préface à la 2e édition des *Règles*.
1903. – « Sociologie et sciences sociales » (en collaboration avec Paul Fauconnet) dans *Textes*, 1.
1912. – *Les formes élémentaires de la vie religieuse*, Paris, Alcan, réédition Paris, Presses Universitaires de France, 1979.
1975. – *Textes*, 3 volumes, édition préparée par Victor Karady, Paris, Editions de Minuit.
1976. – *Textes inédits ou inconnus*, réunis par Philippe Besnard dans la *Revue française de sociologie*, /7(2), pp. 165-196.
- III. Outras obras ou artigos utilizados
- Adorno (Theodor W.), 1970. – « Einleitung ». Introduction à l'édition allemande de Emile Durkheim, *Soziologie und Philosophie*, Frankfurt am Main, Suhrkamp.

- Aron (Raymond), 1935. – La sociologie allemande contemporaine, Paris, réédition Paris, Presses Universitaires de France, 1981.
- 1938. – Essai sur une théorie de l'histoire dans l'Allemagne contemporaine, Paris, Vrin, réédition 1964.
- Barth (Pau1), 1897. – Die Philosophie der Geschichte als Soziologie, Leipzig, 3e et 4e éd. 1921.
- Bauer (Isidora), 1962. – Die Tragik in der Existenz des modernen Menschen bei Georg Simmel, Berlin, Duncker & Humblot.
- Bêcher (Heribert-Jiirgen), 1971. – Georg Simmel. Die Grundlagen seiner Soziologie, Stuttgart, Ferdinand Enke.
- Besnard (Philippe), 1979. – « La formation de l'équipe de l'Année sociologique », Revue française de sociologie, 20(1), pp. 7-31.
- Boudon (Raymond), 1984. – « Introduction » à Georg Simmel, Les problèmes de la philosophie de l'histoire, Paris, Presses Universitaires de France.
- Bouglé (Célestin), 1896. – Les sciences sociales en Allemagne, Paris.
- Chamboredon (Jean-Caude), 1984. – « Emile Durkheim : le social objet de science. Du moral au politique ? », Critique, n° 445-446.
- Christian (Petra), 1978. – Einheit und Zwiespalt. Zum hegelianisierenden Denken in der Philosophie und Soziologie Georg Simmels, Berlin, Duncker & Humblot.
- Clark (Terry N.), 1973. – « The Durkheimians and the University », dans Terry N. Clark, Prophets and Patrons. The French University and the Emergence of the Social Science, Cambridge, Mass., p. 162-195.
- Coser (Lewis A.) (ed), 1965. – Georg Simmel, New York, Englewood Cliffs.
- Dahme (Heinz-Jürgen), 1981. – Soziologie als exakte Wissenschaft. Georg Simmels Ansatz und seine Bedeutung in der gegenwertigen Soziologie, 2 vol., Stuttgart, Ferdinand Enke.
- Dahme (Heinz-Jürgen), Rammstedt (Otthein), 1983. – « Einleitung ». Introduction et édition de : Georg Simmel, Schriften zur Soziologie, Frankfurt am Main, Suhrkamp.
- (eds), 1984. – Georg Simmel und die Moderne, Frankfurt am Main, Suhrkamp.
- Dilthey (Wilhelm), 1910. – Der Aufbau der geschichtlichen Welt in den Geisteswissenschaften, dans Gesammelte Schriften, t. 7., édité par Bernhard Groethuysen, Leipzig 1927, réédition Stuttgart, Teubner, Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht, 1959.
- Filloux (Jean-Claude), 1977, – Durkheim et le socialisme, Paris-Genève, Droz.
- Freund (Julien), 1981. – « Introduction » à Georg Simmel, Sociologie et epistemologie, Paris, Presses Universitaires de France.
- Frisby (David), 1981. – Sociological impressionism. A reassessment of Georg Simmel's social theory, London.
- Frischeisen-Köhler (Max), 1920. – « Georg Simmel », Kant-Studien, 24.
- Gephart (Werner), 1982. – « Soziologie im Aufbruch. Zur Wechselwirkung von Durkheim, Schäffle, Tönnies und Simmel », Kölner Zeitschrift für Soziologie und Sozialpsychologie, 34 (1), pp. 1-25.
- Grafmeyer (Yves), Joseph (Isaac) (eds), 1979. – L'école de Chicago. Naissance de l'écologie urbaine, Paris.
- Hubner-Funk (Sibylle), 1982. – Georg Simmels Konzeption von Gesellschaft. Ein Beitrag zum Verhältnis von Soziologie, Ästhetik und Politik, Köln, Pahl-Rugenstein.
- Jankelevitch (Vladimir), 1925. – « Georg Simmel, philosophe de la vie », Revue de métaphysique et de morale.
- Joas (Hans), 1984. – « Durkheim et le pragmatisme. La psychologie de la conscience et la constitution sociale des catégories », Revue française de sociologie, 25(4), pp. 560-581.
- Karady (Victor), 1975. – Emile Durkheim, Textes, 3 vol., Paris, Ed. de Minuit.

- 1979. – « Stratégies de réussite et modes de faire-valoir de la sociologie chez les durkheimiens », *Revue française de sociologie*, 20 (1), pp. 49-82.
- König (René), 1961. – « Einleitung ». Introduction à la trad. all. des Règles de la méthode sociologique de Durkheim, Neuwied, Luchterhand, réédition Frankfurt am Main, Suhrkamp, 1984.
- Kracauer (Siegfried), 1920. – « Georg Simmel », *Logos* 1920, pp. 307-338. Réédité dans *Das Ornament der Masse. Essays*, Frankfurt am Main, Suhrkamp, 1980.
- Lacroix (Bernard), 1981. – *Durkheim et le politique*, Paris, Presses de la Fondation Nationale des Sciences politiques.
- Landmann (Michael) (éd.), 1958. – *Buch des Dankes an Georg Simmel*, Berlin, Duncker & Humblot.
- Lepénies (Wolf) (ed), 1981. – *Geschichte der Soziologie*, 4 vol., Frankfurt am Main, Suhrkamp.
- Levine (Donald N.), 1980. – *Simmel and Parsons. Two approaches to the study of society*, New York.
- Liebeschütz (Hans), 1970. – *Von Georg Simmel zu Franz Rosenzweig. Studien zum jüdischen Denken im deutschen Kulturbereich*, Tübingen, J.C.B. Mohr.
- Lukács (Georg), 1955. – *Die Zerstörung der Vernunft*, Berlin, Aufbau, réédition Berlin- Weimar, Aufbau, 1984. Trad. fr. *La destruction de la raison*, Paris, L'Arche, 1958.
- Mamelet (Albert) 1912-13. – «La philosophie de Georg Simmel», *Revue de métaphysique et de morale*, 1912-13, édité en livre sous le titre : *La philosophie relativiste de Georg Simmel*, avec une introduction de Victor Delbos, Paris, Alcan, 1914.
- Müller (Horst), 1960. – *Lebensphilosophie und Religion bei Georg Simmel*, Berlin.
- Naegle (K.D.), 1958. – « Attachment and alienation. Complementary aspects of the work of Simmel and Durkheim », *American journal of sociology*, 63, pp. 580-589.
- Raphaël (Freddy), 1986. – « L'étranger et le paria dans l'oeuvre de Georg Simmel et de Max Weber », *Archives de sciences sociales des religions*, 61 (1).
- Schäffle (Albert), 1875. – *Bau und Leben des sozialen Körpers. Encyclopädischer Entwurf einer realen Anatomie, Physiologie und Psychologie der menschlichen Gesellschaft, mit besonderer Rücksicht auf die Volkswirtschaft als sozialen Stoffwechsel*, t. 1, Tübingen, Laupp'she.
- Schnabel (Peter-Ernst), 1974. – *Die soziologische Gesamtkonzeption Georg Simmels*, Stuttgart, Gustav Fischer.
- Schütz (Alfred), 1932. – *Der sinnhafte Aufbau der sozialen Welt. Eine Einleitung in die verstehende Soziologie*, Wien, réédition Frankfurt am Main, Suhrkamp, 1981.
- Spykman (Nicholas J.), 1925 – *The social theory of Georg Simmel*, New York, réédition 1964.
- Susman (Margaret), 1959. – *Die geistige Gestalt Georg Simmels*, Tübingen, J.C.B. Mohr.
- Tenbruck (Friedrich H.), 1981. – « Emile Durkheim oder die Geburt der Gesellschaft aus dem Geiste der Soziologie », *Zeitschrift für Soziologie*, 10 (4), 1981, pp. 333-350.
- Tönnies (Ferdinand), 1887. – *Gemeinschaft und Gesellschaft, Grundbegriffe der reinen Soziologie*, 4e et 5e éd. Berlin, 1922.
- Weber (Max), 1972. – *Wirtschaft und Gesellschaft*, 5e éd. Tübingen, J.C.B. Mohr.
- Wolff (Kurt H.) (éd.), 1959. – *Georg Simmel, 1858-1918. A collection of essays, with translations and a bibliography*, Columbia, The Ohio State University Press.
- 1958. – « The challenge of Durkheim and Simmel », *American journal of sociology*, 63, pp. 590-596.

## **RESUMO**

Ao longo da década de 1890, Simmel e Durkheim publicaram simultaneamente seus primeiros trabalhos sobre sociologia e se apresentavam como duas figuras de destaque nessa disciplina emergente. Este artigo estuda de forma comparativa as duas concepções de sociologia e mostra que, embora vindos de tradições diferentes, Simmel e Durkheim têm mais pontos de concordância do que geralmente se diz, ainda que divergências fundamentais impossibilitem qualquer colaboração. Quer a sociologia seja considerada como um princípio heurístico ou como uma ciência micro ou macrosociológica autônoma, ou como uma filosofia das ciências sociais, ou como uma ciência social entre outras, ou ainda como um corpo de ciências sociais, os problemas discutidos há cem anos ainda são relevantes.

## **PALAVRAS-CHAVES:**

Microsociologia, Macrosociologia, Estatuto da Sociologia, Simmel, Durkheim.

## **ABSTRACT**

Throughout the 1890's, Simmel and Durkheim concurrently published their first works of sociology and they appear as the two leading figures of this new-born discipline. This article studies the two conceptions of sociology comparatively and shows that, although coming from different backgrounds, Simmel and Durkheim have more in common than is generally believed, even if fundamental differences made any collaboration impossible. Whether sociology is considered as a heuristic principle or as an autonomous science – micro or macro-sociological –, or as a philosophy of the social sciences, or as a social science among others or still again as the social sciences corpus, the problems discussed a hundred years ago are still of the moment.

## **KEYWORDS:**

Microsociology, Macrosociology, Statute of Sociology, Simmel, Durkheim.

**Recebido em: 02/11/2024**

**Aprovado em: 02/11/2024**